



Tenho medo, inclusive, de ser assaltada. Sei que tem muitos que vigiam carros e usam drogas ao mesmo tempo. Isso assusta as pessoas"

Jurema Barbosa, dona de casa, 54 anos



Muitos nos tratam como se tivéssemos a obrigação de pagar para estacionar em um local público"

Gláucia Chaves, vendedora, 30 anos

Concentração onde está o dinheiro

» LUIZ CALCAGNO
» SAULO ARAÚJO

Os flanelinhas atuam em todas as cidades do DF, mas a atividade de guardadores e lavadores de veículos é maior nas regiões administrativas economicamente mais fortes. Além do Plano Piloto, Taguatinga e Ceilândia são cidades que reúnem boa parte da classe. Da mesma forma, eles se concentram em estacionamentos de locais movimentados. Há um grande número deles próximos a bancos, feiras, supermercados e hospitais. Quem regula essa atividade é a Seops, que faz várias operações mensais para evitar que guardadores não cadastrados exerçam a profissão sem o registro obrigatório na Sedest.

O Correio percorreu dezenas de estacionamentos no DF na última semana. A reportagem conversou com flanelinhas e motoristas e constatou que há conflito de opiniões. Motoristas se mostraram contrários à profissão, enquanto os guardadores alegam não serem insistentes ao cobrar para vigiar os veículos.

Demarcação

No Setor de Indústria e Abastecimento (SIA), o guardador de carros e vendedor de paleta de automóveis José Renato de Oliveira, 33 anos, fichado na Sedest, contou que está no ponto há 10 anos e que delimitou, com tinta, vagas na parte do estacionamento que cuida, para coordenar os carros e para que caibam mais veículos. "Comprei a tinta e pinte. Aqui, ganho em média R\$ 80 por dia. Muitas vezes, paramos na delegacia porque outras pessoas cometem crimes. De coleite, se acontece algo com o carro do cliente, temos voz para contar a nossa versão. Além disso, se sou registrado, porque arranharia o carro de uma pessoa?", questionou.

Outro flanelinha, Isaías Silva Rodrigues, 38 anos, usava um coleite identificador com marca da 8ª Delegacia de Polícia (SIA) quando falou com a equipe. Ele admitiu, no entanto, não ser cadastrado, e disse que, de vez em quando, assume a vaga de um parente que

também vende paleta de automóvel. Isaías contou ainda que não trabalha todos os dias, mas que atua em vários estacionamentos do SIA. Ele negou que já tivesse pressionado alguém para receber dinheiro por ter vigiado veículos. "Por um lado, é bom não ser registrado, porque trabalho onde quero. Por outro, não, porque fica mais difícil reivindicar meus direitos, se precisar", justificou.

Medo

A dona de casa Jurema Barbosa, 54 anos, disse se sentir explorada pelos flanelinhas. A mulher contou que teme que danifiquem o carro dela caso não pague pelo serviço. Ela também reclamou da organização da categoria. Para ela, o uso de coletes não tem garantido a segurança de motoristas. "Tenho medo, inclusive, de ser assaltada. Sei que tem muitos que vigiam carros e usam drogas ao mesmo tempo. Isso assusta as pessoas", contou.

Em Taguatinga e em Ceilândia, os discursos não foram diferentes. No estacionamento ao lado da Administração de Taguatinga, o vigia Alex Ribeiro Machado, 49 anos, contou que mora na rua e trabalha como guardador e lavador de veículos. Ele revelou que não é cadastrado e que já foi preso, mas não quis entrar em detalhes sobre o motivo da detenção. "Aparentemente embriagado, também assumi não ter documento de identificação. Trabalho em Taguatinga há oito anos. Se o cliente me der uma moeda, bem, se não der, não ligo. É assim que ganho o pão de cada dia", afirmou.

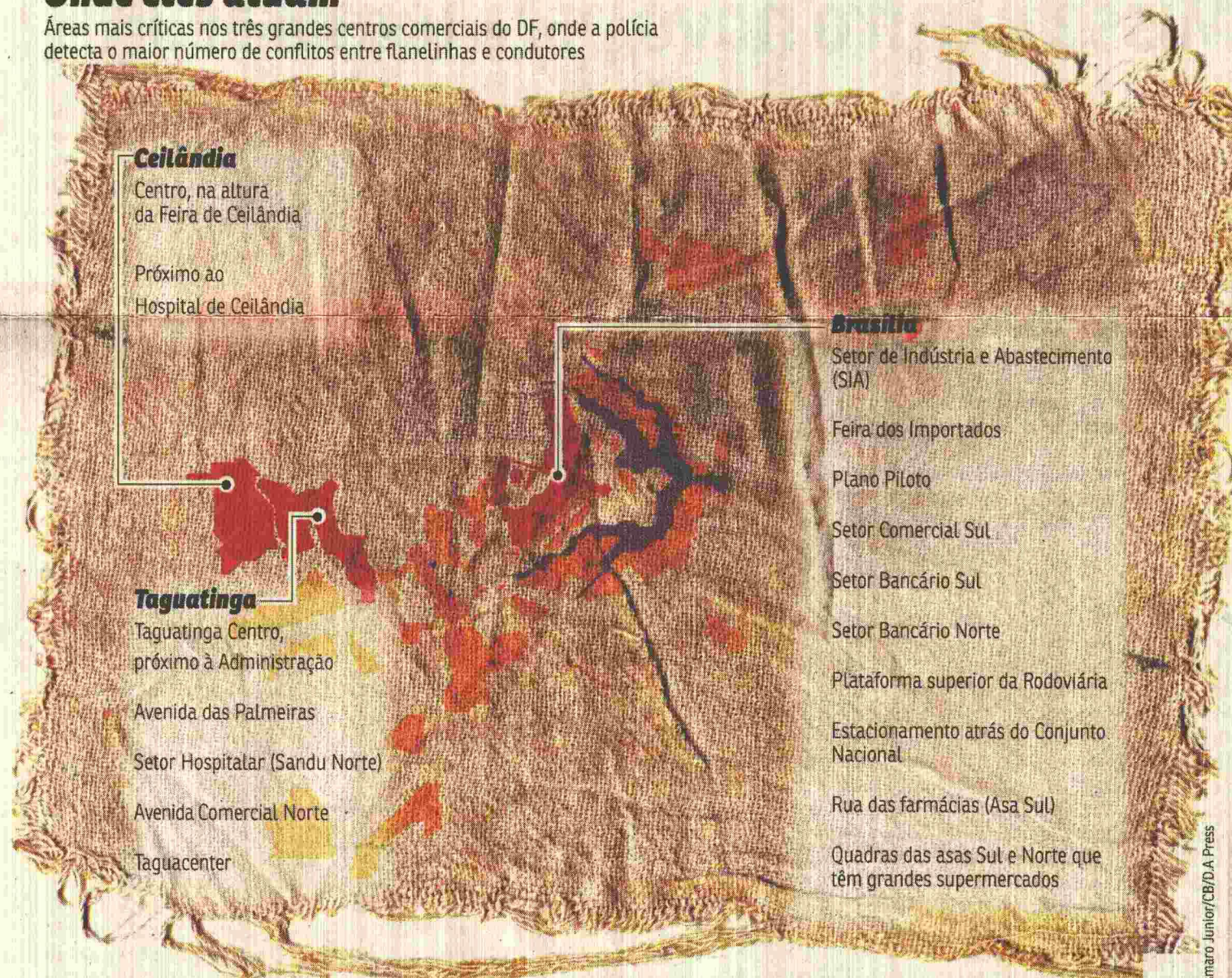
Em Ceilândia, a vendedora Gláucia Emanuele Chaves, 30 anos, contou que dirige carro e moto, e não importa o veículo que conduza, sempre passa por problemas com flanelinhas. Ela ponderou, entretanto, que há os que "levam a atividade como profissão". "Muitos nos tratam como se tivéssemos a obrigação de pagar para estacionar em um local público. Eles também manipulam o estacionamento e querem que você estacione do jeito deles. Principalmente para quem anda de moto", falou.



Alex já foi preso e trabalha ao lado da Administração de Taguatinga: "Se o cliente me der uma moeda, bem, se não der, não ligo"

Onde eles atuam

Áreas mais críticas nos três grandes centros comerciais do DF, onde a polícia detecta o maior número de conflitos entre flanelinhas e condutores



Ceilândia

Centro, na altura da Feira de Ceilândia

Próximo ao Hospital de Ceilândia

Taguatinga

Taguatinga Centro, próximo à Administração

Avenida das Palmeiras

Setor Hospitalar (Sandu Norte)

Avenida Comercial Norte

Taguacenter

Brasília

Setor de Indústria e Abastecimento (SIA)

Feira dos Importados

Plano Piloto

Setor Comercial Sul

Setor Bancário Sul

Setor Bancário Norte

Plataforma superior da Rodoviária

Estacionamento atrás do Conjunto Nacional

Rua das farmácias (Asa Sul)

Quadradas das asas Sul e Norte que têm grandes supermercados

Ranking das regiões com maior número de flanelinhas do DF

- 1º Plano Piloto
- 2º Setor de Indústria e Abastecimento (SIA)
- 3º Taguatinga
- 4º Ceilândia
- 5º Guará
- 6º Núcleo Bandeirante
- 7º Lago Sul
- 8º Planaltina
- 9º Sobradinho

■ Número de flanelinhas nas ruas do DF: Cerca de 8 mil

■ Desses, apenas 1,4 mil são cadastrados, o equivalente a 17,5% do total

■ Segundo o sindicato que representa a categoria, 37,5% deles têm antecedentes criminais, mas um levantamento feito pela Polícia Civil em 2008 mostrou que o índice era de 80%

■ Em quatro meses, a Secretaria de Ordem Pública (Seops) deflagrou 19 operações, que resultaram na autuação de mais de 345 flanelinhas. São quase três casos por dia.

■ Só na região central de Brasília, a 5ª DP autuou 103 flanelinhas atuando na ilegalidade.

■ Em julho deste ano, a Justiça condenou o primeiro flanelinha no DF por extorsão. Eudes do Carmo Pereira da Silva, 41, pegou nove anos e quatro meses de prisão.



Isaías usa coleite com a marca da 8ª DP, mas admite não ser cadastrado